

Johann Gottlieb Fichte: aspectos biográficos do filósofo da *Egoidade Absoluta*

Luciano Carlos Utteich
UNIOESTE
Email: secfil@unioeste.br

RESUMO: Marcando o início de uma nova época, a época da sistematização da Filosofia transcendental elaborada por Kant, Fichte foi além de seu mestre e inaugurou uma nova série de questões no âmbito da Filosofia alemã no período que antecede ao Romantismo alemão. A seguir apresentamos um breve panorama de sua vida e feitos, dos principais interlocutores com os quais travou debate e que contribuiriam para tornar conhecida a têmpera desse filósofo, um dos mais controvertidos e menos compreendidos da história da filosofia alemã. **PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia alemã, Filosofia transcendental, Idealismo Alemão; Razão prática.

ABSTRACT: Marking the beginning of a new era, the era of systematization of the transcendental Philosophy developed by Kant, Fichte went beyond his master and inaugurated a new series of questions within the German Philosophy in the period prior to German Romanticism. The following is a brief overview of his life and works, the main interlocutors with whom fought debate and who helped to make known the temper of this philosopher, one of the most controversial and least understood of the history of German Philosophy.

KEYWORDS: German philosophy, Transcendental Philosophy, German Idealism; Practical Reason.

INTRODUÇÃO

Conforme narrou Walter Benjamin em *Deutsche Menschen* (1836), (trad. espanhol: *Personajes alemanes*. 1995, p.129-131) através da correspondência entre dois ex-alunos de Hegel, no qual o primeiro anuncia ao outro o falecimento deste último (no dia 14 de novembro de 1831) motivado pela cólera, por uma testemunha de primeira mão ficamos sabendo as palavras proferidas por Hegel no seu leito antes de morrer: ele manifestara a vontade de ser enterrado em Berlim ao lado do túmulo de Fichte, desejo que como tal foi realizado. Essa manifestação não deve soar estranha se atentarmos à inspiração tanto filosófica quanto moral exercida pela figura de Fichte sobre Hegel. Muitas das questões de seu tempo e sua emergência o filósofo do *Espírito Absoluto* colheira do pensador Fichte. Igualando-se em têmpera ao filósofo do *Eu Absoluto*, agora se irmana a ele colocando-se ao seu lado. Ambos, dois gigantes: o filósofo do *Eu Absoluto* e o do *Espírito Absoluto*, a comungarem incontestes e em definitivo do repouso absoluto.

Expomos a seguir uma pequena biografia do filósofo e pensador Fichte a fim de tornar patente em que medida sua presença na tradição filosófica alemã espargiu as mais diversas influências, surgida numa fase melhor provida de interlocutores esclarecidos do que, comparativamente, a fase de Kant e dos primeiros pós-kantianos.

A VIDA DE FICHTE

Em 19 de maio de 1762 nasceu Johann Gottlieb Fichte na pequena aldeia chamada Rammenau, região saxônica de Oberlautsitz, como o mais velho de oito irmãos. Numa vida repleta de acontecimentos de circunstância, aquele que se tornaria o *enfant terrible* do kantismo fora especialmente favorecido em seus estudos iniciais. Devido à modesta condição de sua família, foi encaminhado em 1774 para o ginásio de Pforta, para ingressar nos estudos, graças a um proprietário de terras, o Barão von Militz que, tendo se atrasado e perdido o sermão de domingo na paróquia da aldeia, teve sua desolação contida diante da paróquia ao saber dos fiéis que havia ali um menino de 9 anos cuja capacidade e memória facultavam-lhe reproduzir todas as prédicas do Pastor, em palavra, tons e gestos. Tendo sido chamado o menino e tendo este reproduzido integralmente o sermão do pastor, a boa impressão foi tanta que o menino, cuja habilidade e exercício¹ impressionava verdadeiramente a todos (fato que cerca de meio século à frente se repetirá na Itália, em episódio assemelhado, com o menino João Melquior, conhecido como Dom Bosco) foi encaminhado para o colégio, onde se sai bem.

Alcançada todavia a etapa do início dos estudos na Universidade de Jena o protetor e benfeitor morreu, levando Fichte a tornar-se preceptor para manter-se. Nessa condição ele viaja a Zurique, onde permanece por algum tempo, estreitando conhecimento com o círculo intelectual vigente, em especial com o pedagogo Pestalozzi, que exerce particular influência na construção do seu sistema de pensamento, chamado *Doutrina da Ciência (Wissenschaftslehre)*.

Também em Zurique conhece sua futura esposa, Johanna Rahn. Todavia, ele teve de abreviar sua temporada na cidade visto haver se desentendido com os pais de seus pupilos. Então vai em seguida para Leipzig, na tentativa de tornar-se o educador de um príncipe, ainda que a sua experiência anterior no campo pedagógico não houvesse sido bem sucedida.

Outro fator casual intervém aí na vida de Fichte, que conduzirá ao aspecto sereno de seu ser: um estudante pede-lhe aulas particulares sobre a filosofia de Kant e nisso o maior dentre os filósofos da época torna-se-lhe conhecido profundamente. A *Crítica da razão pura* de Kant, publicada em 1781 em Königsberg, só se tornaria amplamente conhecida em 1789. Até os recentes acontecimentos, Fichte sabia somente que Kant havia escrito alguns livros que ninguém conseguira entender.

A *Crítica da razão pura* de Kant iniciara uma revolução espiritual na Alemanha. Após haver estudado os clássicos gregos e latinos, e lido Lessing, Spinoza e Leibniz, Rousseau e Montesquieu, Fichte travou conhecimento com a filosofia de Kant. Até então ele possuía uma concepção determinista da realidade (professada sobretudo pela teologia leibniz-wolffiana, fundada sobre o princípio da razão suficiente e a pré-ciência divina), como atestam um texto seu chamado *Aforismos sobre a religião e o deísmo*, de 1790 (SIEMEK, 1984, p. 78), segundo o qual para ele tudo, mesmo as ações do homem, procedia necessariamente de um Ente necessário.

Por seu turno, as obras de Kant haviam colocado em xeque o pressuposto da concepção deísta vigente na Alemanha, que permitia uma proximidade entre Estado e Igreja sem, entretanto, resolver o caráter antinômico entre a religião e o deísmo. Desse período data a tentativa de Lessing de descrever a possibilidade de um Cristianismo Racional, em seu escrito *A Educação do Gênero Humano (Die Erziehung des Menschengeschlechts, 1777-1780)*.

E, impressionado sobretudo pela afirmação da liberdade nas obras de Kant, no estudo preparatório às aulas de seu aluno, Fichte registrará com comoção o acontecimento da leitura das obras de Kant: “*Eu vinha com os planos mais auspiciosos de Zurique. Em breve todas essas perspectivas fracassam e eu estava próximo do desespero. Por desgosto, lancei-me na filosofia de Kant, que tanto eleva o coração quanto quebra a cabeça. Nela encontrei uma ocupação que preenchia coração e cabeça; meu espírito impetuoso de expansão silencia; esses foram os*

dias mais felizes que jamais vivi. Ainda que dia após dia estivesse em apuros pelo pão, eu era naquele tempo talvez um dos homens mais felizes sobre toda a face da terra”(Carta a Achelis, final de 1790) (DÖRING, 1974, p. 15).

Em carta ao amigo Weishuhn, diz: “*eu vivo em um novo mundo, desde que eu li a Crítica da razão pura. Proposições que eu acreditava que eram irrefutáveis, são para mim derrubadas; coisas que eu acreditava que nunca poderiam ser provadas, por exemplo, o conceito de uma liberdade absoluta, de dever, etc., são provadas, e eu sinto-me a respeito disso tanto mais feliz. É incompreensível que força e que estima para a humanidade nos dá este sistema*” (DÖRING, 1974, p. 17)..

A convicção da liberdade aurida do texto kantiano lhe dá um sentimento de alívio, de alegria: “*Devo confessar que agora acredito plenamente na liberdade do homem, e vejo claramente que só pressupondo a liberdade é possível o dever, a virtude e, em geral, uma moral*”(MEDICUS, 1925, p. 23).

Em carta de 12 de agosto de 1790 recorda Fichte a Johanna Rahn seu primeiro estudo da filosofia kantiana, dizendo: “*Entrei apaixonada e profundamente na filosofia kantiana e vejo que tanto o intelecto como o coração tiram disso um grande proveito*”(Apud SIEMEK, 1984, p. 78).

E, em carta datada de 5 de setembro, reforça sua cosmovisão transformada graças ao estudo de Kant: “*Vou dedicar a essa filosofia pelo menos alguns anos da minha vida e desse momento durante vários anos tudo o que eu escrever relacionar-se-á a ela. Ela é demasiadamente difícil e por isso necessita algo para fazê-la mais fácil*”. Sobre o caráter ético desse momento decisivo, ele assinala: “*A filosofia de Kant faz com que o intelecto se eleve de um modo inconcebível sobre todas as coisas terrenas. Assinalei para mim uma moral nobre e em vez de ocupar-me das coisas externas, ocupo-me mais comigo mesmo*”(DÖRING, 1974, p. 16). Todavia, Fichte constata ainda a delimitação do lado prático-moral desta filosofia como delimitado pelo seu lado teórico, e como antecedido por este; nesse sentido elucida: “*seus princípios fundamentais são as especulações que entontecem, as quais não possuem nenhuma influência imediata na vida humana, e as conseqüências desses princípios são muito importantes para a época, cuja moralidade está depravada nas suas fontes*”(Apud SIEMEK, 1984, p. 78).

O exercício do preceptorado leva Fichte a abandonar Leipzig e seguir para Varsóvia onde, novamente, terá sua permanência abreviada devido ao desentendimento com a mãe de seu pupilo. Mas obtém daí uma soma de indenização que lhe permite ir ao encontro de Kant em Königsberg. Tendo encontrado um Kant a princípio reservado, que se abre apenas com hesitação, não tarda a esgotar-se para Fichte o dinheiro recentemente ganho. E, em face da tentativa, sem sucesso, de obter um empréstimo de Kant, sucede outro feliz acaso: se propõe a apresentar um escrito, para conseguir quebrar a reserva kantiana, e em quatro semanas escreve um texto intitulado *Ensaio de uma Crítica de Toda revelação*, apresentando-o a Kant em 18 de agosto de 1791,

O manuscrito é elogiado por Kant, que o recomenda ao seu editor. Todavia, visto este ter sido publicado sem o nome do autor, a obra foi atribuída a Kant, levando a que todo mundo considerasse o livro como uma obra do próprio Kant, de quem já era esperado à época uma declaração sobre esse tema, e que só seria publicada no ano seguinte (*A Religião nos limites da simples razão*).

O ilustre órgão científico da época, o *Allgemeine Literaturzeitung* de Jena havia então escrito: “*Todo aquele que tiver lido apenas o menor daqueles escritos pelos quais o filósofo de Königsberg angariou imortais méritos em favor da humanidade, reconhecerá imediatamente o augusto autor dessa obra*”(DÖRING, 1974, p. 19).

Em conseqüência, o ensaio foi lido e discutido muito mais do que se tivesse sido publicado com um nome ainda desconhecido. Assim, quando Kant declarou por sua vez na *Allgemeine Literaturzeitung* de Jena que a obra era de Fichte, a fama de Fichte foi favorecida. E então já era tarde para que a fama desse escrito pudesse ser desmerecida. Fichte passa agora por autor de um livro que teria sido digno de Kant.

Fichte ficara impressionado sobretudo pela filosofia moral de Kant. Todavia, ele mesmo dirá que é impossível compreender a *Crítica da razão prática* sem ter lido a *Crítica da razão pura*, e para isso ele busca ainda na *Crítica da faculdade do juízo*, da qual faz um resumo, os princípios para esclarecer o sistema.

Na primavera de 1793 Fichte voltou a Zurique para casar-se com Johanna Rahn. E, enquanto tenciona elaborar a *Doutrina da Ciência*, no intuito de assegurar os fundamentos de suas convicções morais, é chamado à Universidade de Jena para ocupar a cátedra que havia sido do kantiano Karl Leonhard Reinhold.

Por vezes quis-se recusar o título de filosofia à filosofia kantiana, em virtude da falta de um sistema sólido: Kant teve de estabelecer apenas uma crítica, ou seja, algo negativo. Tornara-se importante a ele fazer “*do método o único conteúdo da filosofia*”, não importando “*saber, mas sim saber se se sabe*”. Dizendo de outra maneira: “*mais que saber, importa-lhe não errar*”(ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 7). Nesse sentido a filosofia moderna converte-se em Kant em mera ciência do conhecimento, e não ciência do ser, tirando a questão do conhecimento de tema subalterno, como o era para a filosofia grega e medieval, para colocá-lo como questão prévia, de modo a que ao tentar fugir da ontologia, Kant cai, sem se dar conta, prisioneiro dela.

Reinhold era um discípulo de Kant e realizava na época uma análise minuciosa sobre as carências do aspecto sistemático da filosofia kantiana. Com isso chega à conclusão de que faltava tematizar ainda um primeiro princípio, sistemático, ontológico, que assegurasse de forma coesa o arcabouço do pensamento kantiano. Por seu turno, nesse período as obras de Fichte se desenvolvem entremescladas filosófica e politicamente, sob a influência dos acontecimentos,

mas sempre na busca da ênfase sobre o fundamento que legitima a experiência, sobre os princípios que legitimam os acontecimentos.

Deste modo, as obras de Fichte se desenvolverão em duas frentes: ater-se-á estritamente à filosofia, na qual tomará contato com as obras dos principais críticos de Kant, que acompanham e dão continuidade às descobertas de Reinhold – como Jacobi, Schulze e Maimon – sendo que a resposta a elas se dará na forma do desenvolvimento de sua filosofia pura, no texto da *Doutrina da Ciência (Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre, 1794)*, e ater-se-á às questões sociais vigentes devido à repercussão inicial negativa despertada como resultado da compreensão dos efeitos da Revolução Francesa.

Visando refutar as conclusões de textos tendenciosos como do conselheiro Guilherme Rehberg, que em *Investigações sobre a revolução francesa (Untersuchungen über die Französische Revolution, 1793)* expressa uma má-interpretação de Rousseau, e que aliava-se ao primeiro importante panfleto contra a revolução francesa de Burke, *Reflexões sobre a Revolução Francesa (Reflexions on the Revolution in France, 1790)*, Fichte detecta a falta do princípio de igualdade dos cidadãos e a carência de uma laicização da moral religiosa, visto a Nobreza e a Igreja assentarem-se então exclusivamente sobre privilégios hereditários.

Fichte encampa por isso seu entusiasmo pelos princípios da revolução, e para pôr em defesa esses princípios e salvar a correta compreensão dos acontecimentos redige o texto, partindo dos princípios kantianos, *Contribuição para retificação dos juízos do público sobre a Revolução francesa (Beitrag zur Berichtigung der Urteile des Publicums über die französische Revolution, 1793)*.

Neste texto Fichte coloca a questão: porque o critério de nossos juízos de valor não pode ser buscado na experiência ou na utilidade, mas sim na razão? É com base no *Contrato Social* de Rousseau que extrai a resposta: porque a liberdade é a única garantidora de um exercício verdadeiro e originário da razão, e porque “renunciar a sua liberdade é renunciar a sua qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e mesmo a seus deveres” (ROUSSEAU, 1997, p. 27).

Assim, em escala maior, Fichte, em nome de uma razão soberana, refuta o empirismo histórico como regra do julgamento no estabelecimento do princípio da Constituição. E, nesse sentido, refuta a tese de que os bens do clero são aquisições legítimas e que é válida e salutar a aliança da Igreja e do Estado. A partir da teoria do *Contrato Social* há que se fazer a defesa da soberania do povo, representante da vontade geral; e, por seu turno, ele irá mostrar como as objeções feitas à inalienabilidade e à soberania da razão e da vontade geral tomadas por fundamento do “pacto social” podem e têm de ser refutas. Com isso fica defendido, em nome desta soberania, o direito da Revolução, em nome da igualdade natural e civil dos homens, dos seus direitos de possuir o fruto de seu trabalho e de se elevar a todas as funções públicas na medida de seu mérito, quesito em que a própria liberdade

de pensar é defendida, embasada nos princípios do *Contrato Social* rousseauiano.

Deste ângulo, percebe-se o quanto o acontecimento da Revolução Francesa faz paralelo com a evolução da obra de Fichte, marcando a descoberta da potencialidade e do esclarecimento da razão.

E é assim que, em vista dos fatos decorridos, o entusiasmo pela revolução revela-se em que a Revolução Francesa apresentava-se como a concretização histórica dos ideais da razão, cujos princípios a França, do ponto de vista institucional, mostrar-se-ia em seguida incapaz de honrar, havendo Napoleão, ao tomar a Prússia e buscar conquistar toda a Europa, se revelado um verdadeiro déspota universal, e havendo com isso perdido a oportunidade de mostrar-se num benfeitor universal.

Doravante, para Fichte é meta de todo homem, não unicamente considerado em uma pátria definida, mas sim de todo homem patriota, dever fazer-se homem cosmopolita, afirmar os direitos universais da razão, o direito à liberdade e empreender a luta contra o obscurantismo.

Para isso, consagra-se ele a conservar na exposição de um sistema de pensamento as conquistas da liberdade da revolução, agregando um grupo de pensadores esclarecidos, a cujo excessivo zelo na defesa destes princípios será atribuída a pecha de jacobinos, democratistas.

Negando de modo contundente a parcela inócua de colaboração de parte dos maus entendedores do significado da Revolução Francesa para o todo da humanidade, a tarefa humana é agora uma tarefa da razão universal, de buscar desenvolver a meta educadora intrínseca ao princípio da liberdade: a educação deve revelar-se como a verdadeira "*cultura para o uso da liberdade (Kultur zur Freiheit)*" (FICHTE, 1971, Band VI, p. 86-87), como o único possível fim último do homem, na medida em que ele pertence ao mundo sensitivo.

Havendo sido o primeiro dos princípios da revolução, é também conforme a ele que se move o pensamento positivo, afirmativo, do exercício da razão, a fim de alcançar toda a sua amplitude e extensão. Assim, foi dito com Fichte a voz em grito o que Kant retinha, a saber, que o ser que se sabe a si mesmo, que se conhece a si mesmo, não é senão o Eu (*Ich*). O Eu é consciência de si mesmo (*Selbstbewusstsein*), que responde como um chamado "moral", que se mostra inteiramente uno, e por isso é o princípio unificador das dimensões teórica e prática da razão.

Contrapondo-se à concepção kantiana do Eu (Apercepção transcendental), dirá Fichte: "*O Eu não surge mediante uma síntese cuja pluralidade pudesse ser decomposta, todavia, adiante, senão [que surge] mediante uma tese absoluta*" (FICHTE, 1971, Band I, p. 503). Há que se convir que sob esse conceito de egoidade, como um princípio transcendental, diz, "*nós abrangemos não somente nossa personalidade determinada, mas, além disso, nossa espiritualidade em geral*" (FICHTE, 1971, Band I, p. 504).

A união entre ambas as dimensões, entre o que é determinado, atual, e o que é indeterminado e por isso potencial, constituirá para Fichte na harmonia, residente intrínseca, interna e eternamente em todo homem, como sendo a própria moralidade. Com base nisso ele propõe estabelecer o sistema, o elemento positivo, ontológico, da “doutrina” da razão transcendental, em complemento à mera “crítica”.

Quando assume a cátedra de Reinhold em Jena, Fichte já era conhecido do mundo acadêmico. Foi bem recebido e logo teve êxito: dava aula para os especialistas, em classes “particulares”, sobre o sistema (*Doutrina da Ciência*), e no curso público sobre *A missão do Sábio (Einigen Vorlesungen über die Bestimmung des Gelehrten, 1794)*. Exercerá ali importante papel no auxílio teórico para a conclusão de um texto científico de Goethe, a *Contribuição para a ótica*, no qual este realiza um acerto de contas com Newton. Goethe esperava encontrar em Fichte um kantiano mais loquaz e com a chamada deste esperava poder fomentar à Universidade de Jena também seus próprios interesses².

A ajuda do filósofo revelar-se-á indispensável ao cientista, na medida em que a segurança de que os limites de disciplina abordada (p.ex. a física) foram alcançados não pode ser determinada por fatores subjetivos. A distinção entre fenômenos fundamentais e originários, e fenômenos derivados ou deduzidos, não pode ser estabelecida pelo cientista: o pior erro deste seria tomar algo deduzido por algo originário ou tentar explicar o originário através do deduzido – como censura dirigida por Goethe a Newton.

A partir do conceito de “determinação recíproca” (*Wechselbestimmung*) elucidado na *Wissenschaftslehre* de 1794, Fichte fornece os subsídios para que Goethe alcançasse o êxito na elucidação segura e completa daquilo que, na sua própria teoria, seria “originário” e “deduzido”. Goethe dedicara-se intensivamente ao estudo do ensaio-convite chamado *Sobre o Conceito da Doutrina da Ciência (Über den Begriff der Wissenschaftslehre, 1794)*, cuja cópia Fichte lhe entregara, e no qual é já estabelecida com clareza a intenção da proposta filosófica fichtiana, de estabelecer aquela disciplina que fundamenta filosoficamente a possibilidade de toda e qualquer outra ciência. Pois, uma vez que toda ciência tem que ter uma forma sistemática que só pode ser deduzida de um único fundamento (*Grundsatz*), a doutrina da ciência deve estabelecer ao mesmo tempo, para todas as outras ciências, fundamentos, os quais, enquanto fundamentos, não podem mais ser provados nestas ciências.

Entretanto, por ocasião da publicação em sua revista (*Philosophical Journal*) do artigo de um discípulo de Reinhold, Forberg, que se tornara seu ouvinte e também docente na Universidade, sobre *O desenvolvimento do conceito de religião*, se forma uma violenta oposição a Fichte: o artigo rezava sobre a redução da religião à fé numa ordem moral do mundo, e teria sido publicado de má vontade por Fichte.

A celeuma instalara-se a partir da resposta, publicada por Fichte no mesmo

número da revista, no artigo intitulado *Sobre o fundamento da nossa fé na Divina Providência*. O artigo de Forberg colocava em suspenso a existência de Deus, ao perguntar: “*Deus existe?*” – segundo o qual dever-se-ia responder: “*não se sabe*”, pois esta é uma questão de ordem teórica, e não de religião.

Coube a Fichte, no referido artigo, opor-se com a afirmação de que Deus tem de ser identificado com a própria ordem moral no mundo, motivo pelo qual não é possível duvidar da existência de Deus. Noutras palavras, o que é acrescentado pela religião é só uma confiança na moralidade, uma esperança de que o bem triunfe.

Acentua-se aqui o tema que perpassa toda a sua obra: a busca de legitimação do caráter laico da razão, na tentativa de substituir a moral religiosa tradicional por uma moral laica e puramente racional, para cuja realização tinha de ser entendido doravante como realizada a separação entre Estado e Igreja (separação à qual se opunha o jornal *Eudaimonia*, que fazia campanha em defesa “*do trono e do altar*”). Doravante devia a humanidade voltar-se para projetar os ideais da Razão, em si mesma, de interesse de todos.

Nesse espírito os escritos de Fichte representam uma ameaça ao *status quo*, sofrendo aberta oposição, cuja defesa custar-lhe-á a cátedra em Jena. Foi com a publicação, no mesmo ano, de um escrito anônimo intitulado *Carta de um pai a seu filho estudante sobre o ateísmo de Forberg e de Fichte*, que ambos são acusados de ateísmo. Ameaçando não permitir mais que suas crianças estudassem em Jena, um decreto do soberano, príncipe-eleitor da Saxônia, ordena a apreensão do fascículo dos escritos, pedindo a punição dos autores pelas autoridades acadêmicas.

Contra a acusação de ateísmo – episódio conhecido como *Atheismusstreit* –, Fichte responde no *Philosophical Journal* de 1799 mediante um apelo ao público (*Appellation an das Publicum*, 1799), angariando como defensores, entre outros, Reinhold e Friedrich Schlegel. Mas numa defesa muito precipitada, envia uma justificação jurídica ao soberano, assegurando a idoneidade de seu escrito de maneira demasiado obstinada e inexorável, dificultando com isso o apoio que de Goethe e Schiller tendiam a ele. E, em conseqüência de uma admoestação, Fichte remete uma carta ao ministério, na qual destitui-se de seu cargo.

Fichte vai a Berlin, seguindo o conselho de Friedrich Schlegel, a fim de procurar para si um novo campo de atuação, e lá passa a dar aulas particulares. Escreve *A missão do homem* (*Die Bestimmung des Menschen*, 1800) e *O Estado Comercial fechado* (*Der geschlossene Handelstaat*, 1800).

Contudo, a obra de toda a sua vida foi a *Doutrina da Ciência* (*Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, 1794); escreveu ainda muitas redações dessa obra, algumas publicadas (1801), outras inéditas, além das *Introduções* (*Erste und Zweite Einleitungen in die Wissenschaftslehre*, 1797). Foram extraordinariamente fecundos os anos passados em Jena: além dos escritos menores, Fichte escreveu

os *Fundamentos do Direito* (*Grundlage des Naturrechts*, 1796), e o *Sistema da Doutrina Moral* (*Das System der Sittenlehre*, 1798).

Em 1801 e 1804 apresentou em suas aulas (publicadas após sua morte) a *Doutrina da Ciência* numa nova forma que revela uma atenção especial aos fundamentos metafísico-religiosos de sua filosofia. Dedicou a *Introdução à Vida bem-aventurada* (*Die Anweisung zum seligen Leben*, 1806) à doutrina da religião; e os *Traços da Época Atual* (*Episode über unser Zeitalter*, 1806) à filosofia da história.

Fichte foi chamado à Universidade de Erlangen em 1805, mas permaneceu ali pouco tempo porque, com a paz de Tilsit, Erlangen deixou de pertencer à Prússia, e voltou a Berlim, que abandonara provisoriamente quando esta foi ocupada pelos franceses. A derrota sofrida então pela Prússia desperta nele um vivo nacionalismo: ele sempre destacara a comunidade (*Gemeinschaft*) entre os homens, fundada na razão, mas agora essa comunidade é entendida como comunidade nacional, para a manutenção da qual tudo é permitido. Fichte aprecia e louva Maquiavel, ao qual dedica um ensaio.

Desses anos datam os *Discursos à nação alemã* (*Reden an die deutsche Nation*, 1808), onde suas noções pedagógicas aparecem na fase de maior amadurecimento, assentadas na clareza do dizer, segundo o qual, “aquele que tem um querer estável, quer o que deseja para a eternidade e não pode, em caso algum, querer diferentemente do que sempre quis. Para ele a liberdade da vontade está aniquilada e fundida na necessidade” (FICHTE, 1912, p. 23).

Data ainda desse período um projeto de universidade, considerada como a sementeira de uma nova pátria renovada, na qual os estudantes teriam de levar uma austera vida comum.

No outono de 1810 foi fundada a Universidade de Berlim, seguindo um projeto mais realista que o de Fichte a quem o rei, no entanto, nomeou professor e decano (diretor) da Faculdade de Filosofia e, posteriormente, o elegeu Reitor.

Fichte fez enérgica propaganda patriótica durante a guerra contra Napoleão. Sua mulher, Johanna, era enfermeira voluntária nos hospitais militares e contraiu cólera, mas depois se curou. O filósofo, no entanto, também a contraiu, mas não resistiu e morreu em 29 de janeiro de 1814.

Nesse ínterim, Fichte continua a representar um desafio para o pensamento da modernidade, visto ter se tornado, nas palavras de Dieter Henrich, “num visionário de um possível futuro da vida humana, que chegou à consciência de sua liberdade” (HENRICH, 1982, p. 82). E, no sentido de que essa consciência reflete a mais alta necessidade humana, do ponto de vista filosófico seu modelo de pensamento tornar-se-á interessante principalmente enquanto passagem para a filosofia da natureza, cuja semente se encontra já no solo da *Doutrina da Ciência*, na medida em que busca desalojar da própria natureza (*Natur*) a vocação moral,

de liberdade, do próprio ser humano, como se estivesse com isso atendendo em parte à constatação de toda uma época e que ficou marcada na expressão de Goethe, de que, doravante, também seria necessário *na investigação da natureza (..) um imperativo categórico, tal como existe no domínio da Ética.*

Notas:

1 Desde aqui se pode salientar o papel da faculdade da Imaginação (*Einbildungskraft*) como aquela que será a mais importante faculdade no interior do desenvolvimento da filosofia de Fichte. Em excelente trabalho, publicado em 1972, intitulado *O Espírito e a Letra. Crítica da Imaginação pura em Fichte*, Rubens Rodrigues Torres Filho expõe a doutrina filosófica fichtiana seguindo estritamente a indicação deste, de entender e colocar a faculdade da Imaginação transcendental como porta de entrada para o seu Sistema.

2 Quando Fichte chegou a Jena, em maio de 1794, o trabalho científico de Goethe estava numa crise profunda. Somente as duas primeiras partes de suas *Contribuições para a Ótica* haviam sido editadas (respectivamente em 1791 e 1792), sendo que as anunciadas partes III e IV para o ano seguinte acabaram por não ser publicadas. O motivo principal fora o estado inacabado delas, havendo sido substituídas por outra obra, a *Doutrina das Cores (Farbenlehre)*. Cfe. FÖRSTER, Eckart: "*Aí vai o Homem a quem devemos tudo!*", p. 151-152.

Referências

BENJAMIN, W. *Personajes alemanes*. Barcelona : Paidós, 1995.

DÖRING, W. O. *Fichte. Der Mann und sein Werk*. Hamburg: Ansischer Gildenverlag, 1974.

FICHTE, J.G. *Fichtes Werke (Elf Bände)*. Hrsg. v. Immanuel Hermann Fichte. Berlin: de Gruyter & Co., Berlin, 1971.

_____. *Reden an die deutsche Nation*. Leipzig: Spamerschen Buchdruckerei, 1912.

FÖRSTER, E.. "Aí vai o Homem a quem nós devemos tudo!". Uma investigação da relação Goethe-Fichte. In: *Filosofia Política*, Nova Série 3, setembro. Porto Alegre: L& PM, 1998, pp. 143-160.

HENRICH, D. Fichtes-Ich. In: *Selbstverhältnisse*. Frankfurt am Main: Reclam, 1969.

LÉON, X. *Fichte et son Temps. Établissement er Prédication de la Doctrine de la Liberté*. Paris: Armand Colin, 1954.

MEDICUS, F. *Fichtes Leben*. Berlin: Reuther und Reichard, 1925.

ORTEGA Y GASSET, O. Kant. *Hegel. Dilthey. Madrid*: Revista de Occidente, 1958.

ROUSSEAU, J.-J. *Do Contrato Social*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SIEMEK, M. *Die Idee des Transzendentalismus bei Fichte und Kant*. Hamburg: Meiner, 1984.

TORRES FILHO, R. R. *O Espírito e a Letra. Crítica da Imaginação pura em Fichte*. São Paulo: Ática, 1972.